

* * *

Kardec, eu não te conheci e nem te poderia entender na minha condição de homem perverso da Terra, mas recebe, no dia em que o mundo lembra, comovido, a tua presença entre os homens, o preito de minha amizade e de minha admiração.

28 de Setembro de 1936.

A LENDA DAS LAGRIMAS

Rezam as lendas bíblicas que o Senhor, após os seis dias de grandes atividades da criação do mundo, arrancado do caos pela sua sabedoria, descansou no sétimo para apreciar a sua obra.

E o Criador via os portentos da criação, maravilhado de paternal alegria. Sobre os mares imensos, vojavam as aves alegres, nas florestas espessas, desabrochavam flores radiantes de perfumes, enquanto as luzes, na imensidade, clarificavam as apoteoses da natureza, resplandecendo no Infinito, para louvar-lhe a glória e lhe exaltar a grandeza.

Jeovah, porém, logo após a queda de Adão e depois de expulsá-lo do paraíso afim de que

ele procurasse na Terra o pão de cada dia com o suor do trabalho, recolheu-se entristecido aos seus imensos imperios celestiais, repartindo a sua obra terrena em departamentos diversos, que confiou às potências angelicas.

O Paraíso fechou-se então para a Terra que se viu isolada, no seio do Infinito. Adão ficou sobre o mundo com a sua descendência amaldiçoada, longe das belezas do eden perdido e, no lugar onde se encontravam as grandiosidades divinas, não se viu mais que o vácuo levemente azulado da atmosfera.

E o Senhor, junto dos Serafins, dos Arcanjos e dos Tronos, na sagrada curul da sua misericórdia, esperou que o tempo passasse. Escoavam-se os anos, até que, um dia, o Criador convocou os Anjos a que confiara a gestão dos negócios terrestres, os quais lhe deviam apresentar relatórios precisos, acerca dos vários departamentos de suas responsabilidades individuais. Prepararam-se no Céu festas maravilhosas e alegrias surpreendentes para esse movimento de confraternização das forças divinas e, no dia aprazado, ao som de músicas gloriosas, chegavam ao Paraíso os poderes angelicos, encarregados da missão de velar pelo orbe terreno. O Senhor recebeu-os com a sua bênção, do alto do seu trono bordado de lírios e de estrelas, e, diante da atenção respeitosa

de todos os circunstantes, falou o Anjo das Luzes:

— “Senhor, todas as claridades que criastes para a Terra continuam refletindo as bênçãos da vossa misericórdia. O sol ilumina os dias terrenos com os resplendores divinos, vitalizando todas as coisas da natureza e repartindo com elas o seu calor e a sua energia. Nos crepúsculos, o firmamento recita os seus poemas de estrelas e as noites são ali clarificadas pelos raios tenues e puros dos plenilúnios divinos. Nas paisagens terrestres, todas as luzes evocam o vosso poder e a vossa misericórdia, enchendo a vida das criaturas de claridades benditas !...”

Deus abençoou o Anjo das Luzes, concedendo-lhe a faculdade de multiplica-las na face do mundo.

Depois, veio o Anjo da Terra e das Aguas, exclamando com alegria:

— “Senhor, sobre o mundo que criastes, a terra continúa alimentando, fartamente, todas as criaturas; todos os reinos da natureza retiram dela os tesouros sagrados da vida e as aguas, que parecem constituir o sangue bendito da vossa obra terrena, circulam no seu seio imenso, cantando as vossas glórias incommensuráveis. Os mares falam com violencia, afirmando o vosso poder soberano e os regatos macios dizem, nos silvedos, da vossa piedade

e brandura. As terras e as aguas do mundo são plenas afirmações da vossa magnifica complacencia !...”

E o Criador agradeceu as palavras do seu servidor fiel, abençoando-lhe os trabalhos.

Em seguida, falou, radiante, o Anjo das Arvores e das Flores:

— “Senhor, a missão que concedestes aos vegetais da Terra vem sendo cumprida com sublimidade dedicação. As arvores oferecem a sua sombra, seus frutos e suas utilidades a todas as criaturas, como braços misericordiosos do vosso amor paternal, estendidos sobre o solo do planeta. Quando maltratadas, sabem ocultar as suas angustias, prestando sempre, com abnegação e nobreza, o concurso da sua bondade á existencia dos homens. Algumas, como o sandalo, quando dilaceradas, deixam extravasar de suas feridas taças invisíveis de aroma, balsamizando o ambiente em que nasceram... E as flores, meu Pai, são piedosas demonstrações das belezas celestiais nos tapetes verdengos da terra inteira. Seus perfumes falam, em todos os momentos, da vossa magnanimidade e sabedoria...”

E o Senhor, das culminancias do seu trono radioso, abençoou o seu servo fiel, facultando-lhe o poder de multiplicar a beleza e as utilidades das arvores e das flores terrestres.

Logo após, falou o Anjo dos Animais,

apresentando a Deus um relato sincero, com respeito á vida dos seus subordinados:

— “Os animais terrestres, Senhor, sabem respeitar as vossas leis, acatar a vossa vontade. Todos vivem em harmonia com as disposições naturais da existencia que a vossa sabedoria lhes traçou. Não abusam de suas faculdades procriadoras e têm uma epoca propria para o desempenho dessas funções, consoante os vossos desejos. Todos têm a sua missão a cumprir e alguns deles se colocaram, abnegadamente, ao lado do homem, para substitui-lo nos mais penosos misteres, ajudando-o a conservar a saude e a buscar no trabalho o pão de cada dia. A aves, Senhor, são turbulentos alados, incensando, do altar da natureza terrestre, o vosso trono celestial, cantando as vossas grandezas ilimitadas. Elas se revezam constantemente, para vos prestarem essa homenagem de submissão e de amor e, enquanto algumas cantam durante as horas do dia, outras se reservam para as horas da noite, de modo a glorificarem-se, incessantemente, as belezas admiráveis da Criação, louvando-se a sabedoria do seu Autor Inimitavel.”

E Deus, com um sorriso de jubilo paternal, derramou sobre o seu dedicado mensageiro as vibrações do seu divino agradecimento.

Foi quando, então, chegou a vez da pala-

vra do Anjo dos Homens. Taciturno e entre angustias, provocando a admiração dos demais, pela sua consternação e pela sua tristeza, exclamou compungidamente:

— “Senhor !... ai de mim ! enquanto os meus companheiros vos podem falar da grandeza com que são executados os vossos decretos, na face do mundo, pelos outros elementos da Criação, não posso afirmar o mesmo dos homens... A descendencia de Adão se perde num labirinto de lutas, criado por ela mesma. Dentro das possibilidades do seu livre arbitrio, é engenhosa e sutil a inventar todos os motivos para a sua perdição. Os homens já criaram toda sorte de dificuldades, desvios e confusões para a sua vida na Terra. Inventaram, ali, a chamada propriedade sobre os bens que vos pertencem inteiramente e dão curso a uma vida abominavel de egoismo e ambição pelo dominio e pela posse; toda a Terra está dividida indebitamente e as criaturas humanas se entregam á tarefa absurda da destruição das vossas leis grandiosas e eternas. Segundo o que observo no mundo, não tardará que surjam, no orbe, os movimentos homicidas, entre as criaturas, tal é a extensão das ansias incontidas de conquistar e possuir...”

O Anjo dos Homens, todavia, não conseguiu continuar. Convulsivos soluços embargaram-lhe a voz; mas, o Senhor, embora amar-

gurado e entristecido, desceu generosamente do solio de magnificencias divinas e, tomando-lhe as mãos, exclamou com bondade:

— A descendencia de Adão ainda se lembra de mim ?

— Não, Senhor !... Desgraçadamente, os homens vos esqueceram... murmurou o Anjo com amargura.

— Pois bem, replicou o Senhor, paternalmente, essa situação será remediada !...

E, alçando as mãos generosas, fez nascer, ali mesmo no Céu, um curso de aguas cristalinas e, enchendo um cantaro com essas perolas liquefeitas, entregou-o ao seu ultimo servidor, exclamando:

— “Volta á Terra e derrama no coração de seus filhos este licor celeste, que chamarás de agua das lagrimas... O seu gosto tem resaios de fel, mas esse elemento terá a propriedade de fazer com que os homens me recordem, lembrando-se da minha misericórdia paternal... Si eles sofrem e se desesperam pela posse efemera das coisas atinentes á vida terrestre, é porque me esqueceram, olvidando a sua origem divina.”

E desde esse dia o Anjo dos Homens derrama sobre a alma atormentada e aflita da humanidade a agua bendita das Lagrimas remissoras e, desde essa hora, cada criatura humana, no momento dos seus prantos e das suas

amarguras, nas dificuldades e nos espinhos do mundo, recorda, instintivamente, a paternidade de Deus e as alvoradas divinas da vida espiritual.

27 de Novembro de 1936.

CARTA ABERTA AO SR. PREFEITO DO RIO DE JANEIRO

Sr. Prefeito do Distrito Federal. Dirijo-me á vossencia para ponderar um dos ultimos atos de sua administração na velha cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, não obstante as minhas condições de jornalista desencarnado e apesar do estado de guerra vigente no paiz.

Todavia, declinando essas circunstancias, devo confessar, em defesa do meu gesto, que minha palavra humilde não visa nenhum instituto politico ou social do Brasil, para fixar-se somente na questão de humanidade.

É uma verdade incontestada que S. Excia. se torna duplamente respeitavel, não só pela sua condição de autoridade suprema de uma cidade em que vivem segvemente dois milhões de corações humanos, como tambem pela sua qualidade de sacerdote, e é, talvez, por isso que a minha ponderação se faz um tanto mais grave.